

DESENVOLVIMENTO MOTOR E AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS: A BUSCA DE RELAÇÕES

LEONOR MARIA E SILVA PALHA DIAS DE ARAÚJO
ANTONIA MARIA SOARES DA COSTA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMEC
TERESINA – PIAUÍ – BRASIL
E-MAIL: leonorpalhadas@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Mais que uma característica filogenética, a comunicação entre os homens é uma necessidade da espécie na busca de estabelecer relações interpessoais, sociais, de trabalho e de qualquer outra natureza. A comunicação é exercida através das línguas que possuem características e traços identitários do grupo a que pertencem e possibilita a interação entre os agentes do processo comunicativo. Este processo muitas vezes se torna incompleto devido a falta de condições essenciais para seu estabelecimento e a isso se chama deficiência.

A surdez é uma deficiência imperceptível fisicamente, pois não apresenta lesões aparentes no corpo humano e só é percebida quando o falante tenta se comunicar e não é correspondido através da linguagem oral. A falta de condições de comunicação através da forma convencional deixa os deficientes auditivos discriminados na vida em sociedade e no processo ensino-aprendizagem.

Estudos científicos realizados possibilitaram a compreensão sobre a construção da comunicação entre os deficientes auditivos, chegando a criar uma língua com características e identidade do grupo, com um diferencial de suma importância que é o gesto, já que não têm o domínio do som utilizado nas línguas orais.

Este artigo objetiva analisar o processo de aquisição da língua de sinais, identificar as dificuldades vivenciadas pelos jovens no processo de aquisição da língua de sinais, e caracterizar as relações entre aquisição da língua de sinais e o desenvolvimento motor para expressão dos gestos da mão e da face no estabelecimento da comunicação entre surdos.

A importância desse estudo para a sociedade ratifica-se no aprofundamento da temática criando uma ponte entre deficiência auditiva e desenvolvimento motor, na ampliação da perspectiva de inclusão social, pois irá contribuir para a melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiências auditiva e no fornecimento de elementos importantes para a formulação das políticas públicas locais para as pessoas com deficiências auditivas.

Ao definir os caminhos dessa pesquisa exploratória, do tipo experimental, estabeleceu-se universo dessa pesquisa, duas turmas de alunos do Instituto Tecnológico Federal de Teresina, e como sujeitos, treze alunos do Curso Livre, dos gêneros masculino e feminino, com idade entre 18 a 32 anos em amostragem não-probabilística Gil (1999) de modo que o critério para escolha dos participantes da pesquisa atendeu à disponibilidade em colaborar com o trabalho. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada.

Os sujeitos foram distribuídos em dois grupos: o Grupo I, formado por pessoas que não tiveram qualquer acompanhamento físico anterior à aprendizagem da língua de sinais e o Grupo II, com participantes de um programa de exercícios físicos manuais e expressão facial.

1 Desenvolvimento humano, aprendizagem e deficiências auditivas: um breve histórico

Nos últimos séculos, a literatura das áreas de psicologia e pedagogia apresenta estudos e concepções baseados em pesquisas realizadas nas três últimas décadas que explicam o desenvolvimento humano como resultante da interação entre os elementos fornecidos pela genética, a influência das outras pessoas que formam os grupos sociais dos quais o ser humano faz parte e do próprio ambiente, assim como os comportamentos próprios.

O desenvolvimento humano compreende três domínios gerais que explicam o comportamento da pessoa: o cognitivo, afetivo-social e motor. O domínio cognitivo abrange operações mentais como a descoberta, o reconhecimento, retenção e geração de informações, a tomada de decisões e elaboração de julgamentos. No domínio afetivo-social estão presentes os sentimentos e emoções. No domínio motor, os movimentos protagonizam a integração dos demais domínios já que todo movimento tem influências dos três domínios.

Todos esses domínios são utilizados e integrados no estabelecimento da comunicação humana, quer seja através da linguagem falada, escrita e gesticulada e se expressam através de comportamentos mais ou menos complexos. Os comportamentos humanos constituem uma rede de comunicação geral, de modo que o ser humano desenvolveu um sistema de linguagem composto de sons, gestos e outros códigos que se complementam no estabelecimento dessa comunicação.

Em todo sistema de comunicação humana o movimento está presente, sob variadas formas e, no caso das deficiências auditivas ele se torna essencial posto que, privados da produção de sons o surdo tem como alternativa a representação gestual para substituição da palavra falada e reprodução da significação dos signos da escrita.

Os processos de desenvolvimento são mediados pela aprendizagem que os impulsiona possibilitando ao indivíduo modificar o ambiente em que vive e estabelecer interações com os demais sujeitos, produzindo novos níveis de desenvolvimento e modificando comportamentos, durante toda a vida (VIGOTSKY, 1977).

Segundo Piaget (1973) a fala da criança se desenvolve através de um processo de identificação com o falante, a partir de aparelhos biológicos normais que possibilitam às crianças repetirem os sons, murmúros e barulhos transmitidos e compreendidos como elementos da fala .

Para Telford *et all* (1988, p. 539 e 540), as crianças com deficiência auditiva necessitam do mesmo ambiente que as outras crianças para desenvolverem a aprendizagem e compreensão da fala, mas que sejam acrescidos de situações especiais que reforcem o significado dos sons quase imperceptíveis com elementos visuais, pois nos aspectos gerais o deficiente auditivo possui capacidades para aprender, normalmente.

De acordo com Vygotsky (1977), citado por Lacerda (2006, p.165) a linguagem é adquirida através da socialização com outros indivíduos, e é ela que os faz diferentes dos outros animais.

A linguagem é adquirida na vida social e é com ela que o sujeito se constitui como tal, com suas características humanas, diferenciando-se dos demais animais. É no contato com a linguagem, integrando uma sociedade que faz uso dela, que o sujeito a adquire. Já para as pessoas surdas, esse contato revela – se prejudicado, pois a língua oral é percebida por meio do canal auditivo, alterado nestas pessoas. (LACERDA, 2006 p. 165)

A linguagem é o veículo através do qual o indivíduo se comunica, mas há outras formas de comunicação, no caso dos surdos existe a comunicação através de gestos realizados pelas mãos e expressões do rosto, é a língua de sinais.

A literatura específica sobre deficiência auditiva caracteriza essa modalidade como perda parcial ou total de resíduos auditivos. Para Loureiro e Mourão Santos. (2002, p.14),

o deficiente auditivo é considerado dessa forma, ao ser constatado sua perda total ou parcial de resíduos auditivos, por doenças congênitas ou adquiridas, dificultando assim a compreensão da fala através desse órgão (ouvido).

Ao discutir as modalidade de deficiência auditiva, Loureiro e Mourão Santos. (2002, p.14) afirma que a mesma pode se manifestar como:

- Surdez leve / moderada: é aquela em que a perda auditiva é de 70 decibéis, que dificulta, mais não impede o indivíduo de se expressar oralmente, bem como de perceber a voz humana com ou sem a utilização de um aparelho auditivo.
- Surdez severa / profunda: é a perda auditiva acima de 70 decibéis, que impede o indivíduo de entender, com ou sem aparelho auditivo, a voz humana, bem de adquirir naturalmente o código da língua oral.

2 Os surdos e a linguagem

Ao longo dos séculos, as pessoas portadoras de deficiências auditivas, enfrentaram muitas dificuldades em busca da afirmação da sua identidade, para conquistar o respeito e o reconhecimento social e cultural, além de produzir uma língua que atendesse às suas necessidades de comunicação com o grupo de iguais e com as demais pessoas da sociedade. A Antigüidade foi marcada por uma perspectiva religiosa em todas as áreas do desenvolvimento humano e todas as idiossincracias eram atribuídas a fenômenos sobrenaturais e determinações sagradas. Nesse contexto a surdez foi considerada motivo de purgação e castigo dos deuses para com o homem.

Os surdos eram lançados ao mar, do alto dos rochedos, pelos espartanos ou sacrificados aos deuses Teutates pelos gauleses. Foram considerados incompetentes pelos gregos e, segundo Aristóteles, por não possuírem linguagem, não eram capazes de raciocinar. Essa concepção fez dissimular-se a prescindibilidade da educação para surdos e a marginalização dos mesmos que passaram a ser condenados à morte, juntamente com os deficientes mentais e os doentes sem recuperação. Em, 360 a. C, Sócrates declarou que era aceitável que os Surdos comunicassem com as mãos e o corpo (Wikipédia, 2009).

No Egito, até a Idade Média, os surdos eram adorados, temidos e respeitados pela população com deuses e serviam de mediadores entre estes e os Faraós. Foram referendados, historicamente, pela primeira vez, na Lei Hebraica (Wikipédia, 2009).

Influenciados pelos gregos, os romanos dispensavam tratamento similar aos surdos, mas foi Santo Agostinho que, embora considerasse a surdez um designio de Deus para purificar os pais dos surdos, admitiu a capacidade de comunicação dessa comunidade por meio de gestos, em equivalência à fala.

Em 700 d. C, John Beverley ensinou um surdo a falar e foi considerado o primeiro educador de surdos. No final da Idade Média e início do Renascimento, a superação da razão sobre a religiosa e a valorização do pensamento científico possibilitou o avanço da medicina e uma percepção diferente da surdez (Wikipédia, 2009).

A Idade Moderna focou o marco distintivo entre surdez e mudez, suprimindo-se a expressão surdo-mudo. A fundação da primeira escola para Surdos, em Madrid, por Pedro Ponce de León, possibilitou o primeiro alfabeto manual. Auxiliado por Juan Pablo Bonet, Ponce de León ampliou os estudos sobre os surdos e criou condições para o discípulo pesquisar sobre a docência para surdos utilizando o método oral e proibindo o uso da língua gestual. Essa convicção foi compartilhada com Konrah Amman, defensor da leitura labial que, inspirado na crença de que a fala era uma dádiva de Deus e condição para provar a natureza humana, não fazia uso da língua gestual por crer que esse procedimento atrofiava a mente humana (Wikipédia, 2009).

O período seguinte foi marcado pela atuação do médico inglês Bulwer que defendeu a crença de que a língua gestual deveria ser um destaque na educação para os surdos e por isso desenvolveu um método para comunicação entre surdos baseado em gestos, tendo publicado vários livros sobre a temática.

Outra resistência em respeitar a condição humana do surdo foi colocada por John Wallis que tentou ensinar vários surdos a falar e terminou por desistir dessa atividade para se dedicar ao ensino da escrita.

A França deu alguns contributos através da criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em Paris, que foi a primeira escola de Surdos do mundo, adoção do método de educação coletiva e o reconhecimento da inutilidade de ensinar o surdo a falar em detrimento do uso da língua de sinais (LANE, 1984).

A oralidade dos surdos foi defendida, dos primórdios à atualidade, por pessoas que acreditam ser o melhor para o surdo usar qualquer língua oral para comunicar com o outro e teve em Samuel Heinicke um grande defensor, com registro de ensino da fala a surdos e criação e definição do método conhecido como Oralismo (Wikipédia, 2009).

O estudo da Língua de Sinais e a própria discussão acerca do que se defende como língua mais apropriada aos surdos, não poderia deixar de lado um paralelo entre a Língua Portuguesa e a LIBRAS.

A Língua Portuguesa é de natureza oral-auditiva, pois utiliza sons produzidos e articulados no aparelho fonador e percebidos pelos ouvidos, enquanto a Língua Brasileira de Sinais é uma língua gestual-visual que utiliza como comunicação movimentos gestuais, expressões faciais e corporais que são percebidos pela visão (PARANÁ, 2009, p. 3).

Para Coutinho (2000), os surdos desenvolveram um sistema de comunicação ao criarem a Língua de Sinais. É uma língua natural, que surgiu a partir do contato com os demais sujeitos surdos e reúne vários componentes idiomáticos, em forma de sinais, para transmitir os pensamentos dos falantes. É importante ressaltar que os surdos são considerados falantes por usar qualquer modalidade de língua oral ou sinalizada para se comunicar com o outro.

As línguas de sinais não são universais, por isso cada país constrói a sua, baseado no contexto social-cultural e linguístico de seu povo. A Língua Brasileira de Sinais foi desenvolvida a partir da língua de sinais francesa. Possui estrutura gramatical própria e seus sinais são formados por meio da combinação de formas e de movimentos das mãos e de pontos de referência no corpo ou no espaço.

Segundo a legislação vigente, a LIBRAS constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas com deficiência auditiva do Brasil, na qual há uma forma de comunicação e expressão, de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria.

A Lei nº 10.436, decretada e sancionada em 24 de abril de 2002, reconhece a LIBRAS, junto a outros recursos de expressão a ela associados, como meio legal de comunicação e expressão em que o sistema lingüístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

No artigo 4º, dispõe o seguinte:

O sistema educacional federal e sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

A LIBRAS tem por base a Língua Portuguesa e como esta, apresenta características gramaticais, lexicais e lingüísticas, tal como ocorre no que se refere às diferenças regionais. Dessa forma, vale afirmar que a Língua de Sinais apresenta exigências de complexidade que buscam na evolução cultural dos seus usuários, os motivos e as formas de mutações e crescimento dos seus usos e funções.

O ensino para surdos, adotado no Brasil, recomenda o aprendizado da Língua de Sinais – LIBRAS, iniciado pela utilização do alfabeto de LIBRAS, representado por sinais e gestos das mãos, seguido do ensino da língua oral e escrita, de forma que se complete o ciclo do bilinguismo.

Assim, a concepção bilíngüe lingüística e cultural luta para que o sujeito surdo tenha o direito de adquirir, /aprender a LIBRAS e que esta o auxilie não só na aquisição da segunda língua (majoritária), mas que permita sua integração na sociedade, pois ao adquirir uma língua estruturada o surdo pode criar concepções e oportunidades, participando ativamente do convívio em seu meio (DIZEU e CAPORALI, 2005. p.591).

3 Um estudo sobre desenvolvimento motor e aprendizagem da língua de sinais

O aprendizado das línguas orais se apoiam na fala enquanto a língua de sinais utiliza os gestos, principalmente manual e facial. Nesse contexto, o desenvolvimento motor é o veículo de interação nas relações entre os elementos linguísticos que possibilitam a comunicação dos deficientes auditivos.

Na linguagem dos deficientes auditivos o movimento corporal manual e facial adquire uma importância fundamental no estabelecimento da comunicação, garantido refinamento de expressão na dinâmica da comunicação entre fatores emocionais, perceptivos, culturais e lingüísticos como os pragmático (usos comunicativos), semânticos (a palavra e o significado), gramaticais (regras sintáticas e morfológicas). O único sistema não utilizado pelo deficiente auditivo é o sistema fonológico característico da língua oral.

Os movimentos das mãos e os gestos faciais são fundamentais na competência comunicativa, na compreensão das mensagens e formação de conceitos da língua de sinais, da mesma forma como os sons são indispensáveis para a expressão da língua oral.

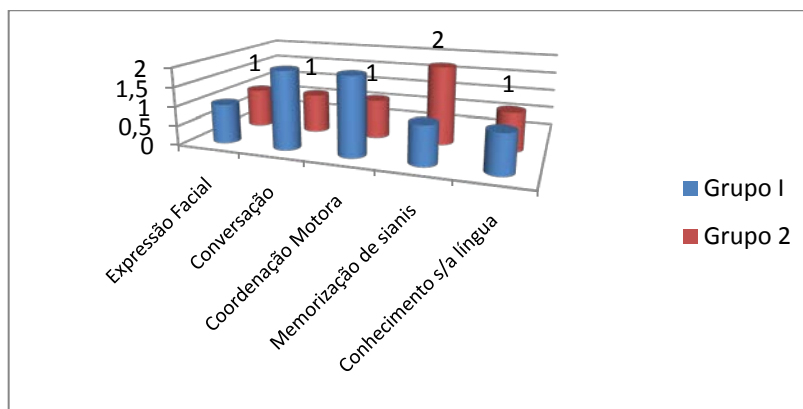
Para Burti (2005), todas as dificuldades de movimento podem ser superadas através de um projeto de exercícios físicos que propiciem a qualidade de vida das pessoas e sua inserção social. Esse projeto deve conter essencialmente exercícios de alongamento e relaxamento dos músculos envolvidos na realização dos gestos e movimentos, o que agiliza e aperfeiçoa a expressão dos mesmos.

A pesquisa de campo que originou o presente artigo teve como escopo principal, mostrar as relações entre coordenação dos movimentos manuais e faciais dos usuários de Libras, motivo porque foi dada grande importância às dificuldades enfrentadas e expressas na pesquisa, pelas pessoas que necessitam ou desejam adquirir a língua de sinais.

Para estabelecer maior objetividade das relações comunicativas investigadas, optou-se por trabalhar com dois grupos de pessoas, cujo diferencial consistiu no perfil para formação dos grupos, onde o grupo I foi composto de pessoas que não fizeram parte de um programa de exercícios manuais, desenvolvido antes e durante o aprendizado da Libras e o grupo II teve essa preparação, para que se pudesse estabelecer o estudo comparativo. Ambos os grupos avaliaram, em item específico da entrevista, a importância do uso do programa de exercícios para a expressividade dos sinais da língua.

Sobre as dificuldades gerais enfrentadas no aprendizado da Língua Brasileira de Sinais obteve-se o seguinte resultado:

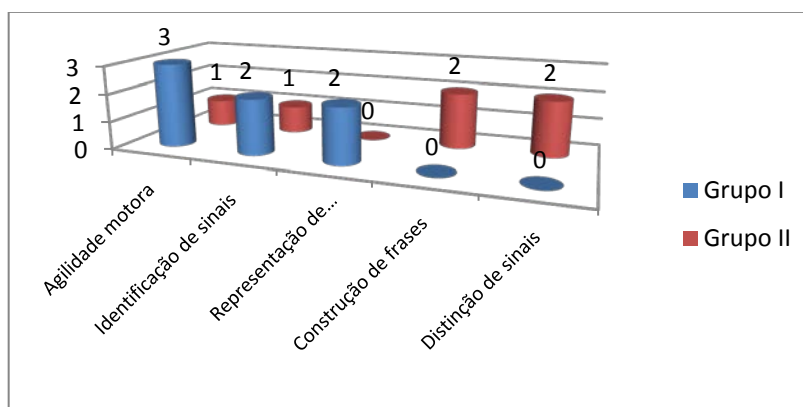
Gráfico 01: Maiores dificuldades no uso da Libras



Ao comparar os aspectos de coordenação motora observa-se que o grupo que não teve intervenção motora apontou como causa principal, posto que mais citada, a dificuldade em desenvolver movimentos manuais na expressão da língua de sinais.

Tentou-se especificar as dificuldades relacionadas aos movimentos das mãos e novamente se obteve um resultado comprobatório da condição de importância e necessidade de se aliar preparação motora ao aprendizado de Libras, quando se registrou os seguintes resultados:

Gráfico 02: Dificuldades motoras

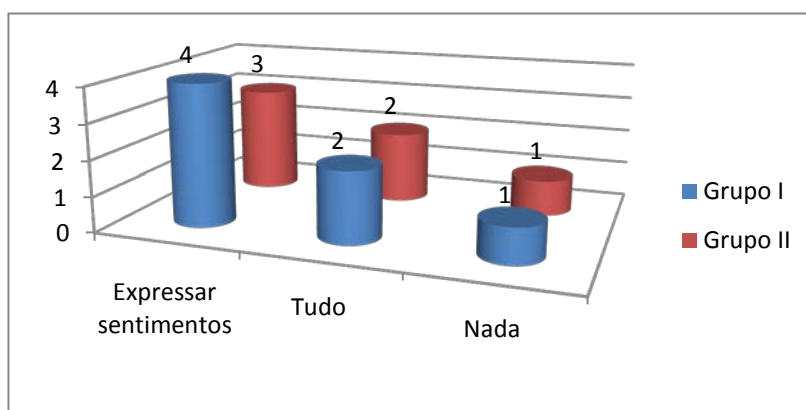


A rapidez necessária para a construção e expressão das frases foi a dificuldade mais apontada e diz respeito não só ao seu conteúdo motor mas também à expressão cultural e semântica da língua que tem atributos diferentes de uma língua oral e por isso precisa de muita simbologia para compensar alguns elementos de que dispomos na nossa língua oral e que não tem substitutos sintáticos ou simbólicos ou formas de expressão na língua de sinais.

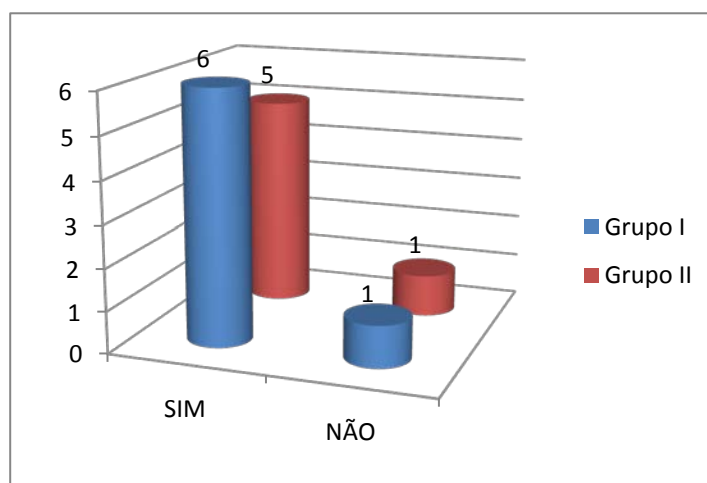
Com relação à dificuldade na identificação de sinais, os sujeitos da pesquisa apontaram uma variedade de sinais que a mesma palavra ou expressão, assim como uma similaridade entre alguns sinais que dificultam a interpretação dos mesmos.

Quanto à expressão facial, os sujeitos investigados demonstraram ser a expressão dos sentimentos a maior dificuldade na Língua de Sinais – Libras. Segundo um dos entrevistados, “o surdo fala com o corpo, com o rosto e para que não fique artificial é preciso muito treino” (Entrevistado 06) e “não somos acostumados com esse tipo de representação, pois na língua oral o uso do gesto não tem esse nível de exigência para compor o significado da frase” (Entrevistado 02). E os resultados da investigação desse aspecto está assim representado, em gráfico:

Gráfico 03: Dificuldades no uso da expressão facial na comunicação



A fala de um dos sujeitos da pesquisa mostra que “uma das maiores dificuldades no uso da língua de sinais é a incorporação dos personagens” (Entrevistado 03) e “a representação dos personagens, através do movimento de expressar a cara de triste, alegre e etc. exige muito do comunicador, pois mexe com o humor da gente” (Entrevistado 01). Porém o reconhecimento total dessa situação foi expresso na pergunta final da pesquisa quando obteve-se o resultado a seguir,



que mostra um percentual de quase unanimidade no reconhecimento de que o uso de exercícios motores possibilita um melhor desempenho dos movimentos utilizados na expressividade dos sinais de Libras e minimização das dores das mãos que são muito presentes na fala das pessoas que avaliam as dificuldades na comunicação através da língua de sinais.

Um dos entrevistados afirmou, durante a pesquisa, que “[...] com relação às mãos, as dores vão desaparecendo, à medida que se utiliza os exercícios aprendidos com a professora de Educação Física” (Entrevistado 05).

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

A realização desta pesquisa cumpriu a função precípua da investigação científica no campo da educação, no que se refere ao fornecimento de dados para a ressignificação da prática docente realizada junto aos portadores de deficiências auditivas.

As análises e reflexões realizadas no decorrer da pesquisa contribuíram para a reavaliação do processo de formação dos professores que trabalham com esse público, ratificando a imprescindibilidade da criação de políticas públicas com o intuito de preparar a sociedade com um paradigma de educação que seja igual para todos, sem excessão de cultura, raça, idade, língua, gênero ou deficiência.

A inclusão do estudo da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS nos currículos das escolas e universidades, principalmente nos cursos de licenciatura, já se constitui uma exigência real. Em caráter emergencial, concluiu-se a necessidade de formação dos professores com preparação na área de psicomotricidade, uso de espelho na sala de aula, ginástica laboral manual ou atividade similar que garanta a melhoria da performance dos movimentos da mão dos usuários de Libras.

A importância da realização dessa investigação deu-se também pelo fato de que a mesma abriu uma via de conhecimento científico no que tange às relações entre movimento e uso da língua de sinais, essência desse trabalho, abrindo novas possibilidades de aprofundamento dessa temática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002 - instituiu a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.institutoagora.org.br/?q=node/1222>. Acesso em 28 de Agosto de 2009.

BURTI, Juliana Schulze. **Exercícios no trabalho**. Belo Horizonte: Soler, 2005.

COUTINHO, Denise. *Libras e Língua Portuguesa - semelhança e diferenças*, João Pessoa: 2000.

DIZEU, Liliane C. T. de; CAPORALI, Sueli Aparecida. *A Língua de Sinais constituindo o surdo como sujeito*. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 15.10.2009.

GO TANI. *Educação física escolar – fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*, São Paulo: 1988.

Historia dos surdos. http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_surdos . Acesso em 28.09.2009.

LACERDA, Cristina Broglia. *A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.

LANE, Harlan. *When the Mind Hears: A History of the Deaf*. New York: Random House, 1984.

LOUREIRO, Maria Albanice Ramos; MOURÃO SANTOS, Maria Dorotea de J. **EDUCAÇÃO ESPECIAL: INCLUSÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO EM TURMAS REGULARES**. Belém, 2002. Disponível em:

http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/tcc_inclusao_do_deficiente.pdf

Acesso em 12.11.2009.

PIAGET, J. *A linguagem e o pensamento na criança*. Rio de Janeiro, Fundo de cultura, 1973.

VYGOTSKY.L.S. **Pensamento e Linguagem**. Editora Moraes, 1977.

RUA CLAUDIONOR AUGUSTO DIAS, 634

BAIRRO SÃO JOÃO – CEP: 64.045-675

TERESINA – PIAUÍ – BRASIL

TELEFONE: (86) 3233-4618

e-mail: leonorpalhadas@hotmail.com